



## GEOGRAFIA E PRÁTICA PEDAGÓGICA: análises e experiências a partir da produção de materiais didáticos

Ana Paula Camilo Pereira  
apaulacape@uems.br

---

Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP) e professora do curso de Geografia e do Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4963-4173>

Rafael Oliveira Fonseca  
rafaelfonseca@uems.br

---

Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP) e professor do curso de Geografia e do Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3267-1832>

### RESUMO

A Geografia é uma ciência indispensável para compreender o mundo e sua totalidade, uma vez que possibilita aos alunos entenderem múltiplas escalas de análise. Nesse sentido, é indispensável pensarmos sobre o seu processo de ensino e aprendizagem, sobretudo na contemporaneidade na qual as metodologias de ensino precisam se articular ao uso de novas tecnologias, as frequentes redefinições dos currículos do Ensino Básico, as diversidades nacionais, dentre outros fatores. Nessa perspectiva, este trabalho tem por objetivo contribuir para a divulgação de experiências de ensino, com foco para a Geografia, por meio do desenvolvimento, análises e resultados oriundos de elementos teóricos e de um Projeto de Ensino que buscou promover contribuições ao exercício da prática pedagógica e a formação docente. Assim, primeiramente abordamos o Projeto de Ensino que serve de base para o desenvolvimento deste trabalho, adiante apresentamos uma breve discussão sobre a prática didático-pedagógica articulada a formação docente, enfatizando alguns resultados, por fim apresentamos algumas considerações finais. Concluímos que a formação docente demanda vários fatores, dentre os quais, a compreensão de que é fundamental realizar, ainda que não seja fácil, a transposição do conhecimento obtido na Geografia Acadêmica para a Geografia Escolar por meio da articulação entre a análise teórica dos conceitos e categorias da Geografia, associada ao levantamento bibliográfico dos livros didáticos e a produção de material didático-pedagógico como forma de promover a prática cotidiana do fazer geográfico.

### PALAVRAS-CHAVE

Geografia, Prática pedagógica, Material didático-pedagógico, Educação básica.

**GEOGRAPHY AND PEDAGOGICAL PRACTICE:  
analyzes and experiences from the  
production of teaching materials**

**ABSTRACT**

Geography is an indispensable science to understand the world and its totality since it allows students to understand multiple scales of analysis. In this scenario, it is essential to think about your teaching and learning process, especially in the contemporary period in which teaching methodologies need to be linked to the use of new technologies, the frequent redefinitions of Brazilian Basic Education guidelines, national diversities, among other factors. In this perspective, this article aims to contribute to the dissemination of teaching experiences, focusing on Geography, through the development, analysis, and results from theoretical elements and a Teaching Project that sought to promote contributions to the exercise of pedagogical practice and teacher training. Thus, we first approach the Teaching Project that served as the basis for the development of this work, then we present a brief discussion on the didactic-pedagogical practice articulated with teacher training, emphasizing some results, and finally, we present some final considerations. We conclude that teacher training demands several factors, among which, the understanding that it is essential to carry out, even if it is not easy, the transposition of the knowledge obtained in University Geography to Basic School Geography through the articulation between the theoretical analysis of concepts and Geography categories, associated with the bibliographic survey of textbooks and the production of didactic-pedagogical content as a way to promote the daily practice of geography teaching.

**KEYWORDS**

Geography, Pedagogical practice, Didactic-pedagogical content, Basic education.

**Introdução**

A Geografia é uma ciência indispensável para compreender o mundo e sua totalidade, uma vez que possibilita aos alunos entenderem múltiplas escalas de análise relacionando-as com elementos sociais, econômicos, políticos, ambientais etc. De maneira que, as categorias e conceitos geográficos retroalimentam o desenvolvimento de um pensamento complexo que proporciona aos alunos uma ampliação da capacidade cognitiva crítica e, portanto, da compreensão da totalidade mundo a partir da articulação de escalas (VESENTINI, 2009).

Compreendendo a importância da Geografia, podemos ingressar no âmbito de seu processo de ensino e aprendizagem. Segundo Castellar (2006), há uma crítica recorrente nos diversos campos do conhecimento, referente a um certo desconhecimento sobre as concepções e o sentido da aprendizagem na prática docente.

Por isso, observa-se que as transformações decorrentes do processo de globalização, como por exemplo, a intensificação do uso de novas tecnologias, bem como as constantes redefinições dos currículos do Ensino Básico brasileiro, refletem especialmente nas metodologias de ensino, uma vez que o “novo” atribui outras perspectivas no processo de ensino e aprendizagem, além de reconhecer na formação docente práticas cotidianas do saber ensinar.

Nesse sentido, a Geografia enquanto disciplina escolar, se insere nessa nuance de novas leituras do espaço geográfico perante a dinamicidade do Ensino Básico, na qual demanda outros olhares sobre o processo de ensino e aprendizagem que não nega as abordagens que estruturaram sua organização metodológica, mas que impõem singularidades nessa concepção de ver e se enxergar no mundo.

Melo, Vlach e Sampaio (2012, p. 46) enfatizam essa questão quando destacam que: “a preocupação com a discussão teórico-metodológica do ensino da Geografia está ligada à prática docente”, ou seja, o saber ensinar geográfico possui uma grande tendência à perspectiva metodológica.

Nessa esfera de análise, uma das principais dificuldades na formação docente em Geografia se refere a alguns aspectos, como por exemplo: Como promover um processo de ensino e aprendizagem mais efetivos? Quais as metodologias mais produtivas? Quais as abordagens e instrumentos metodológicos mais significativos nesse processo?

Os desafios dessa busca se inscrevem ainda no próprio distanciamento entre a Geografia Acadêmica e a Geografia Escolar, que se torna evidente aos acadêmicos quando do ingresso nos cursos de Licenciatura em Geografia na contemporaneidade.

Os debates sobre a interação entre os saberes da Geografia Acadêmica e da Geografia Escolar é um tema relevante que deve ser considerado para a compressão da formação inicial docente, sobretudo quando analisamos quais saberes acadêmicos são fundamentais e devem ser mobilizados em sala de aula (ALMEIDA; PINHEIRO, 2018).

Logo, há algumas perspectivas que abordam o fato de que a Geografia que se ensina nas escolas não é a mesma das universidades, dos cursos de graduação. Trata-se de “Geografia(s)”, cada uma com suas preocupações, seu(s) “fim(ns) específico(s). Em geral, há uma herança livresca no ensino de Geografia no Ensino Básico que vem desde sua institucionalização no século XIX, na qual a Geografia Acadêmica busca, há quase um século romper ou ao menos minimizar (MELO; VLACH; SAMPAIO, 2012).

Essa herança provoca, dentre outros fatores, aulas centradas no professor. De acordo com Melo (2007), aulas assim, com educandos submetidos à recepção passiva do professor e de suas palavras, são comuns em nosso sistema de ensino. O autor ainda

destaca que tal fato precisa ter uma reflexão mais profunda por parte dos educadores, de forma que reconheçam que o processo de ensino e aprendizagem é mutável, portanto, não pode ser compreendido como um processo acabado, pronto e passível aos aprendizes, pelo contrário, precisa ser reconhecido em seus avanços e, sobretudo, na interação para que não sejam construídas aulas tediosas e educandos alienados.

O professor precisa ter consciência de que as “verdades” não existem enquanto entidades absolutas e perpétuas, pois nada mais são do que concepções socioculturais que podem ser refugadas no decorrer da história em função de novas circunstâncias. Não sendo, assim o conhecimento, algo pronto e estático, as aulas não podem ser ditames de “verdades absolutas” (MELO, 2007, p. 98).

Tal fato, se justifica também pela resistência a adoção de metodologias alternativas, de recursos didáticos que instiguem a realização e participação em atividades atrativas para os educandos, como modo de motivá-los no processo de ensino e aprendizagem, um processo que realmente manifeste práticas significativas.

Um exemplo é a adoção de metodologias ativas no ensino de Geografia que visa, dentre vários fatores, transformar os discentes em partícipes ativos no processo de ensino e aprendizagem tornando-os agentes conscientes da construção de nossa sociedade (LIMA; SILVA; ARAÚJO, 2018).

Contudo, apesar da importância dos recursos didáticos, de uma aula dinâmica capaz de fazer do educando o sujeito na construção partilhada do conhecimento, Vieira e Sá (2007), corroboram que:

Não são os recursos didáticos que transformam aulas reprodução em aulas de construção. Temos que definir se queremos formar alunos copiadores ou criativos, alunos submissos ou críticos, se utilizamos pensamentos prontos ou incentivamos nossos alunos a pensar; enfim, essa decisão metodológica é do professor (VIEIRA; SÁ, 2007, p. 103).

São algumas dificuldades associadas a uma imposição histórico-cultural de que a Geografia é uma disciplina do “decorar” conteúdos, que não apenas o aprender se torna exaustivo, mas a prática docente também. No entanto, para além dessas concepções, o ensino de Geografia necessita não somente de educandos motivados, mas também de educadores que compreendam a educação como estímulo à sua prática pedagógica, como forma de instigá-los a se tornarem educadores-pesquisadores, atualizados teórico e metodologicamente.

Portanto, a transposição para a adoção de metodologias não tradicionais deve se iniciar na formação docente na Universidade, para então transpor a academia e se inserir

na Educação Básica. Conforme destaca Klimek (2007) as possibilidades do educador ser um problematizador para incentivar a busca do conhecimento exige que ele esteja atualizado, seja um leitor crítico e tenha acesso a novos métodos e tecnologias, sendo consciente de seu papel.

É com base nesses pressupostos que a análise proposta se justifica a partir da abordagem sobre a formação docente no âmbito acadêmico. Para isso, destacam-se as experiências cotidianas na prática pedagógica a partir do desenvolvimento de um Projeto de Ensino cadastrado institucionalmente na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), na Unidade Universitária de Campo Grande - MS, que dentre outros efeitos, sinalizou positivamente na relação teoria e prática, com uma ação direta na formação dos acadêmicos do curso de Licenciatura em Geografia da referida unidade.

Entende-se por Projeto de Ensino ações que são formuladas com vistas à melhoria da qualidade do ensino e sua retroalimentação, o qual envolve os acadêmicos em seu constante processo de formação docente. Nesse mérito, de acordo com regulamento da universidade, os objetivos são: I - contribuir para o aprimoramento e melhoria da qualidade dos cursos de graduação; II - incentivar processos de inovação na prática educativa; III - ampliar os espaços de aprendizagem e o uso de recursos e metodologias de ensino; IV - integrar disciplinas e outros componentes curriculares dos cursos de graduação; V - possibilitar o intercâmbio de acadêmicos e docentes dos diferentes cursos da Instituição; VI - potencializar o debate sobre temas contemporâneos; VII - promover a articulação entre a graduação e a pós-graduação (MATO GROSSO DO SUL, 2016).

Assim, considerando tais componentes que se alistam como objetivos da elaboração e aplicabilidade de Projeto de Ensino da instituição, no ano de 2019, foi cadastrado e aprovado o projeto intitulado “As categorias de análise da Geografia nos livros didáticos do Ensino Básico: novas linguagens para o ensino de Geografia”, o qual foi desenvolvido no corrente ano, contando com acadêmicos participantes, acadêmicos monitores e docentes do curso.

O fundamento principal do projeto e que permitiu analisar seus resultados práticos, partiu de três fatores: 1) da compreensão teórico-conceitual das principais categorias de análise da Geografia (espaço, território, paisagem, lugar e região); 2) da dificuldade dos acadêmicos em iniciar seus estágios curriculares obrigatórios e; 3) da necessidade de reconhecer o livro didático como um instrumento balizador dos conteúdos do referencial curricular, adaptando seu uso para o século XXI.

Dentre esses fatores destacamos o último, o qual foi desenvolvido tendo como conjectura a indispensabilidade de compreender novas linguagens para o ensino de Geografia no Ensino Básico.

Essas novas linguagens se somam no sentido de que o desinteresse tão característico quando se trata de aprender Geografia no Ensino Básico transpõe-se diante das possibilidades das práticas do saber pedagógico, na qual destacamos a produção de material didático-pedagógico, como uma outra possibilidade de articular teoria e prática, de modo que o acadêmico se compreenda numa configuração ativa de promotor e, ao mesmo tempo, agente mediador do processo de ensino e aprendizagem.

Nessa perspectiva, este trabalho tem por objetivo contribuir para a divulgação de experiências de ensino, com foco para a Geografia, por meio do desenvolvimento, análises e resultados oriundos de um Projeto de Ensino que buscou promover contribuições ao exercício da prática educacional e a formação docente.

Para isso, primeiramente abordamos o Projeto de Ensino que serve de base para o desenvolvimento deste trabalho, adiante apresentamos uma breve discussão sobre a prática didático-pedagógica articulada à formação docente, enfatizando alguns resultados, para enfim, finalizarmos a proposta com algumas considerações finais.

### **O Projeto de Ensino "As categorias de análise da Geografia nos livros didáticos do Ensino Básico: novas linguagens para o ensino de Geografia": da teoria à prática**

O Projeto de Ensino, base central deste subitem, objetivou promover um diagnóstico e compreensão de como os diferentes livros didáticos do Ensino Básico abordam as principais categorias de análise e conceitos da Ciência Geográfica e nesse sentido, destacar alguns elementos para incentivar novas linguagens ao ensino de Geografia, tais como: a produção de material didático e a adoção de metodologias não-tradicionais.

Foi na perspectiva de instigar novos olhares dos acadêmicos para o processo de ensino e aprendizagem da disciplina de Geografia, que o Projeto de Ensino desenvolvido por professores da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande - MS, se descortinou a partir de uma ação didático-pedagógico, na qual buscava fazer com que as categorias-base da Geografia pudessem ser melhor trabalhadas; os livros didáticos pudessem receber uma reflexão mais detalhada de suas potencialidades e fragilidades; bem como a produção de material didático-pedagógico

também pudesse ser reconhecida como uma oportunidade de aprimoramento do ensino de Geografia na Educação Básica.

Esses objetivos tiveram como fundamentos as ações de formação docente realizadas no curso e se basearam ainda nas contestações acadêmicas em relação as práticas promovidas nas disciplinas de estágios curriculares supervisionados, nas atividades desenvolvidas durante o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), dentre outras atividades as quais os acadêmicos tiveram acesso a sala de aula na condição de professor e/ou estagiários.

Parece consenso que essas ações práticas promovem um melhor desenvolvimento da prática docente durante sua formação acadêmica, mas também é fato que essas experiências, em algumas situações, colocam os discentes na posição de estagiários, em uma perspectiva de insegurança, de receio do novo, o que pode gerar, por sua vez, a sensação de frustração e, em casos extremos, a uma evasão universitária.

Além disso, as discussões realizadas com os acadêmicos no âmbito universitário em torno de suas experiências didático-práticas revelam frequentemente que os mesmos, muitas vezes, sentem-se despreparados quanto às abordagens teórico-conceituais referentes as principais categorias da Geografia.

Na busca por promover alternativas sustentáveis a essas questões, no ano de 2019, o referido Projeto de Ensino foi desenvolvido no decorrer de nove meses, dos quais as atividades promovidas se articularam no sentido de inserir os acadêmicos, num primeiro momento, nas discussões acerca das principais categorias de análise da Geografia, utilizando textos para leitura, análises e debates; posteriormente orientamos um período de seleção, análise, investigação e interpretação dos livros didáticos.

Nessa etapa cada grupo de alunos ficou responsável por uma categoria de análise (espaço, território, paisagem, lugar e região), a partir dessa perspectiva buscavam nos livros didáticos catalogados e disponibilizados no Laboratório de Ensino de Geografia (LEG) da instituição as temáticas que se relacionavam com essas categorias. Após, foi realizada uma análise sobre cada tema, de modo a identificar a relação, abordagem e/ou aprofundamento das mesmas com as categorias da Geografia.

Em decorrência dessas abordagens, as atividades subsequentes tiveram como objetivos:

1. Identificação das categorias de análise da Geografia que são trabalhadas nos livros didáticos do Ensino Básico, de forma a verificar as séries em que cada categoria é trabalhada e suas abordagens adjacentes;

2. Organização de um quadro teórico-conceitual sobre cada categoria, considerando as diferentes abordagens que cada livro didático revela, buscando com isso sistematizar o levantamento bibliográfico e teórico-didático;
3. Elaboração de um portfólio de arquivos digitais sobre as categorias de análise da Geografia trabalhadas nos livros didáticos do Ensino Básico, de modo que pudessem contribuir com disciplinas do curso de Geografia (Licenciatura) que necessitam desse aporte, como por exemplo: Estágio Curricular Supervisionado, Fundamentos e Metodologias para o Ensino de Geografia, Didática, dentre outras;
4. Elaboração de dinâmicas de aula que podem ser realizadas com foco nas categorias de análise da Geografia, com a possível elaboração de material didático-pedagógico, jogos interativos, videoaula etc.

Referente a importância do uso do livro didático no Ensino Básico, compreende-se que é uma questão complexa e repleta de contradições e críticas e que precisam ser intensamente debatidas visando superar as metodologias tradicionais baseadas quase que exclusivamente neste material didático.

O livro didático, portanto, pode ser compreendido, de forma simplificada, como um instrumento impresso balizador de conteúdos e que tem como finalidade didática orientar os processos de ensino e de aprendizagem, mas que não deve ser encarado como um manual de ensino imutável e/ou inquestionável.

No entanto, nosso foco não se constituiu em defender ou criticar o uso do livro didático no Ensino Básico, mas sim em analisar como tal instrumento tem sua importância quando se revela diferentes abordagens e perspectivas sobre as principais categorias de análise da Ciência Geográfica. A essência de seu mérito ou demérito, está na forma como o professor o utiliza, se como um suporte associado a outros recursos ou como um elemento mecanismo excludente de outros meios de construção do conhecimento.

No âmbito desta análise, o que é patente é a relevância da conceituação no ensino da Geografia nos livros didáticos, que ainda que esteja inserida em um debate que envolve inúmeros agentes sociais e econômicos, é inerente compreender as categoriais de análise da Geografia, tais como: espaço, território, paisagem, lugar e região, dentre outras.

Copatti (2017) destaca que o livro didático foi ganhando espaço desde meados do século XIX, inicialmente pela utilização de materiais oriundos de Portugal e da França. No entanto, ressalta ainda que:

Somente em 1985 mudanças mais significativas se evidenciaram, quando foi criado o Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, trazendo gradativos avanços a partir de 1994 quando articularam-se os critérios para avaliação do livro didático pelo MEC/FAE/UNESCO. Teve início em 1996 o processo de avaliação pedagógica dos livros didáticos com a publicação do primeiro Guia de Livros Didáticos, de 1ª a 4ª série. Alguns avanços nesse processo vão desde a reutilização de livros, fim da participação financeira dos estados, escolha das coleções pelos professores de cada área e a extensão da oferta, que se iniciou em 1997 pelos livros didáticos de alfabetização, língua portuguesa, matemática, ciências, estudos sociais, história e geografia para todos os alunos de 1ª a 8ª série do ensino fundamental público. Posteriormente, no decorrer da década de 2000, o programa foi ampliado com a distribuição de dicionários, livros em braile e materiais em libras, além de Atlas Geográfico para as escolas que possuem EJA e a educação básica de 5ª a 8ª séries. Em 2004 pela primeira vez ocorreu distribuição de livros de português e matemática para alunos do ensino médio, nas regiões norte e nordeste do país, ampliado em 2005 para todas as regiões do Brasil. Somente em 2008 se iniciou a distribuição integral de livros para o ensino médio, abrangendo todas as disciplinas, sendo repostos a partir de 2009, por meio de maiores investimentos para anos iniciais e finais do ensino fundamental, ensino médio e educação de jovens e adultos-EJA (COPATTI, p. 77-78).

Em suma, a partir dessa perspectiva sobre o livro didático, a justificativa a essa presente proposta foi a de contribuir para a compreensão sobre as categorias da Geografia, de modo que o livro didático seja reconhecido pelo acadêmico como um instrumento balizador das inúmeras possibilidades de aprendizagem, conforme salienta Copatti (2017, p. 85):

É possível afirmar que uma sólida formação de professores contribui para que, no momento em que se insere em sala de aula, em contato com o livro didático, é possível desenvolver autonomia na condução do processo de ensino e aprendizagem. Nesse movimento, o professor pode potencializar o uso do livro didático de maneira adequada e combinada com outros recursos [...].

Feitas essas abordagens com os acadêmicos durante o desenvolvimento do Projeto de Ensino, iniciamos uma outra etapa a qual os mesmos elaboravam um portfólio de arquivos digitais, com o intuito de utilizar e deixá-los disponíveis quando de suas atividades relacionadas com estas categoriais, sobretudo como forma de sintetizar suas abordagens e ampliar as possibilidades de compreensão dos alunos do Ensino Básico.

A imagem 1 a seguir ilustra um exemplo de arquivo elaborado pelos acadêmicos, que se trata de uma ficha a ser usada na análise dos livros didáticos.

Imagem 1 – Modelo de ficha de referência e análise

<b>FICHA DE REFERÊNCIA E ANÁLISE</b>	
<b>Projeto de Ensino:</b> As categorias de análise e os conceitos da Geografia nos livros didáticos do Ensino Básico: novas linguagens para o ensino de Geografia.	
<b>Curso/Unidade de Realização do Projeto:</b>	
<b>Data de Início:</b>	<b>Data de Término:</b>
<b>Coordenadora do Projeto de Ensino:</b>	
<b>Monitores:</b>	
<b>Acadêmicos:</b>	
<b>Categoria de análise:</b>	
<b>Referência Bibliográfica:</b>	
<p>Descrição de como a categoria de análise é trabalhada no Ensino Básico por cada Livro Didático.            Identificar ano, limitações, ilustrações, escalas, referências bibliográficas, autores utilizados, quais temas se relacionam e por quê, como a categoria é vinculada aos temas, quais as limitações do livro didático analisado dentre outros elementos essenciais a descrição.</p>	

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Ainda nessa lógica, justificou-se tal ação como forma de instigar nos acadêmicos a iniciativa de utilizar outras linguagens para ensinar Geografia, utilizando, por exemplo de: charges, literatura, jogos interativos, produção de material didático etc., conciliando o uso do livro didático a outras elocuições que podem contribuir com o ensino e aprendizagem dessa Ciência.

Destaca-se, portanto, que este portfólio de arquivos digitais se constituiu como uma sistematização do resultado da análise feita em relação aos livros didáticos e estes arquivos digitais estão à disposição dos acadêmicos do Curso de Geografia (Licenciatura) no Laboratório de Ensino de Geografia (LEG), quando de suas pesquisas e estágios no Ensino Básico.

A fase subsequente teve como ação didática a organização de oficinas pedagógicas. Essas tiveram como objetivo, num primeiro momento, trazer aos acadêmicos uma visão sobre a necessidade de se articular, no processo de ensino e

aprendizagem, a contextualização do lúdico como uma iniciativa possível e potencial aos conteúdos de Geografia.

Nessa abordagem, temos que a palavra lúdico deriva do latim *ludus* que significa jogo, divertimento, gracejo, escola. De acordo com o dicionário Houaiss (HOUAISS; VILLAR, 2009), lúdico é relativo a jogo, sua concepção está associada a uma ação que visa mais ao divertimento que a qualquer outro objetivo.

Nesse âmbito, podemos inferir que nos inserimos no campo das metodologias ativas, que possuem como desafio alterar a perspectiva do professor como o foco do processo de ensino e aprendizagem. O centro do processo precisa ser o próprio aluno (OLIVEIRA; PONTES, 2011).

Logo, dentro dessa perspectiva, quando relacionamos o lúdico com a função educativa, concebemos essa ação de maneira a compreender que a ludicidade se refere a um jogo, uma brincadeira que objetiva favorecer a aprendizagem do indivíduo, com o seu saber, com o seu conhecimento e a sua compreensão de mundo, da realidade local, de suas ações e dos fenômenos constituídos no espaço geográfico.

A partir dessa acepção, entendemos que o ensino de Geografia contribui para que os educandos compreendam a realidade na qual vivem, além disso, ajuda a trabalhar noções espaciais necessárias à vida em sociedade, sendo fonte para romper com os instrumentos ideológicos de alienação.

A escola, nas últimas décadas, além de ser um lugar de ensino e aprendizagem, também se tornou um espaço no qual o educando deve crescer, adquirindo conhecimento e desenvolvendo-o a partir de mecanismos e experiências vivenciadas no dia a dia, e que não necessariamente se dão de forma conteudista no sentido de atingir os objetivos impostos pelos balizadores educacionais. Entendemos, portanto, que também se pode ensinar e aprender de forma diferente e diversificada, considerando a interação que o lúdico pode proporcionar no ambiente escolar. O foco deve ser a formação cidadã, a partir de uma perspectiva científica e social.

Na concepção de Vygotsky (1991), a brincadeira é entendida como atividade social da criança, cuja natureza e origens específicas são elementos especiais para a compreensão da realidade a qual se insere. É nessa perspectiva que compreendemos a importância do lúdico, que no ambiente escolar pode ser promovido por meio de diferentes metodologias que estimulam a construção do conhecimento geográfico, tanto teórico como empírico, como por exemplo: jogos interativos, vídeo, informática, música, mapas, globos, entre outros, que são recursos didáticos que ao serem instrumentalizados

enquanto componentes de dinamização didática, efetivamente se tornam produtivos e desafiadores.

As ações desenvolvidas pelos educadores de Geografia tiveram como objetivo principal incentivar e despertar o interesse dos educandos por questões diretamente relacionadas à disciplina, mas também num contexto interdisciplinar e, nesse sentido, o lúdico vem agregar valor nessas ações considerando para isso a necessidade de compreender como, num espaço dinâmico, as atividades diferenciadas podem estimular a criatividade em sala de aula, favorecendo o processo de ensino e aprendizagem.

Dadas essas considerações, a inserção de atividades lúdicas na construção do conhecimento é fundamental para se adquirir a percepção do espaço vinculado ao ensino lúdico, o processo de ensino e aprendizagem geográfico torna-se muito mais significativo e prazeroso.

A ludicidade, nessa perspectiva se torna um instrumento metodológico que busca em sua essência inserir o prazer, a apropriação e compreensão de combinados, regras, convivência, que requer compreender algumas questões acerca também do social, possibilitando trabalhar a Geografia nos aspectos do saber, saber-fazer, saber-ser, saber-entender, saber-ensinar. Nesse sentido, o lúdico se coloca como um componente do ensino pedagógico de grande potencialidade, que oferece também a oportunidade para a construção das habilidades, de elaborar sínteses como um instrumento para o ensino de Geografia.

É a partir dessa discussão do ensino e aprendizagem a partir do lúdico, que se intensifica e se propõe a relação social no âmbito escolar, com ênfase no ensino de Geografia. Nessa compreensão, a ludicidade é entendida como promotora de um aprendizado significativo que funcionaliza a socialização, a interação, a inclusão, fortalecendo cada vez mais a relação social de maneira participativa e diferenciada, de modo que o cotidiano escolar seja redescoberto numa dimensão criativa, divertida e interativa, em que o conhecimento é adquirido espontaneamente e não imposto como regra ou obrigação.

Sendo assim, podemos dizer que promover o ensino e aprendizagem de forma lúdica, pode se dar a partir da utilização, por exemplo, de “jogos interativos”, que do ponto de vista do ensino de Geografia, pode criar ou despertar interesse quando postos em prática com finalidade e com eficiência, podendo se tornar um instrumento de ação metodológica em que se desenvolvem as atividades do saber de forma a conquistar ainda mais o interesse do estudante pela disciplina de Geografia.

Nos dias atuais, com todo arcabouço tecnológico disponível e ao alcance do educando, torna-se ainda mais difícil promover um processo de ensino que não se configure como enfadonho, desestimulante. É nessa perspectiva, que compreendemos que o lúdico pode contribuir para o entendimento e aperfeiçoamento da importância do ensino de Geografia no ambiente escolar, de forma a se buscar as atividades que possibilitem outra forma de aprendizagem mais atraente e divertida. Sendo assim considera-se que:

Na Geografia, os docentes podem se utilizar dos jogos que explorem as inteligências pessoais e a naturalista (ambiental). Fazer com que conheçam o espaço geográfico e construam conexões que permitam aos alunos perceber a ação do homem em sua transformação e em sua organização no espaço físico e social (ANTUNES, 2006, p. 44).

Com todas as mudanças ocorridas ao longo das últimas décadas, podemos dizer que a forma diferenciada de desenvolver atividades, atrai o interesse dos educandos pela disciplina, por isso é importante que o lúdico seja desenvolvido, de maneira que possa ser trabalhado por educadores a partir de jogos pedagógicos, materiais didáticos, brinquedos, mediante perspectivas de ensinar e aprender.

O educador precisa saber escolher os momentos mais significativos na sala de aula, sabendo contribuir e dar sentido ao processo de aprendizado do educando. Assim, o ensino de Geografia pode ser mais um caminho a promover esse processo de ludicidade:

A Geografia é uma das disciplinas curriculares com maior potência de aplicação dos jogos e brincadeiras nas atividades de articulação entre os conteúdos escolares e a vida cotidiana dos alunos, pois ela se propõe a trabalhar o espaço de convívio imediato, abordando os aspectos físicos, econômicos e sociais [...]. O ato de ler um jornal, de andar pelas ruas no trajeto casa-escola, o contato com diferentes culturas, a ação de pegar um mapa para se localizar espacialmente, de conhecer/entender as dinâmicas climáticas são formas de interação com a Geografia. O papel exercido pelas atividades lúdicas será de promover o encontro das diferentes formas de conhecimentos (cotidianos e científicos) (PINHEIRO; SANTOS; RIBEIRO FILHO, 2013).

Em síntese, neste Projeto de Ensino, o uso do lúdico e as abordagens ativas nas temáticas discutidas e ensinadas na Geografia, tiveram como ponto principal, favorecer a interação, o ensino de forma menos enfadonha, buscando trabalhar a criatividade, autonomia, senso crítico, entre outros e, concomitante a isso, trabalhar o ensino de Geografia com objetivo de criar noções de espaço, escala geográfica, tempo, trabalhando também a relação entre Geografia Física e Humana a partir da construção de materiais didáticos com materiais alternativos.

Logo, as experiências dos acadêmicos resultaram em produtos relacionados com as categorias da Geografia, as quais estes trabalharam, tais como: “Dominó Turistando os lugares”, “Busca aos tesouros territoriais”, “Regiomemorando o Brasil”, “Jogo da memória paisagística”, Dominó Regional”, “Regiões e suas características”, “Jogo de tabuleiro Trilha Geográfica” etc. Elementos esses resultantes da produção de materiais didático-pedagógico, conforme abordaremos a seguir em detalhes.

### **A prática didático-pedagógica articulada a formação docente: alguns resultados**

A interlocução entre as ações teóricas realizadas durante o projeto, como leituras, discussões, levantamento bibliográfico etc, e a associação com a produção de material didático-pedagógico se constituíram como resultados essenciais na formação docente dos acadêmicos e se esquadrinharam na perspectiva de compreensão referente a importância de se promover práticas educativas que extravasem a exclusividade do uso de livros didáticos nas aulas de Geografia.

Nessa direção, os materiais produzidos se inserem numa abordagem a qual teve como plano de fundo as categorias da Geografia, como forma de promover a transposição desse conhecimento acadêmico, obtido por meio de teorias e definições conceituais no transcurso da formação acadêmica, para uma linguagem mais adequada e/ou articulada ao Ensino Básico.

A partir dessa perspectiva, a etapa de produção de material didático-pedagógico por parte dos acadêmicos envolvidos no projeto teve como objetivo relacionar as categorias da Geografia com a elaboração de jogos interativos que permitissem promover um processo de ensino e aprendizagem lúdica e significativa, de modo, que essas categorias fossem apreendidas na teoria e na prática do fazer e ensinar geográfico para os alunos do Ensino Básico.

Nessa etapa do projeto, após a produção dos materiais, os acadêmicos apresentaram uma aula expositiva em que necessariamente interagiam com os participantes do projeto, de modo a demonstrar a efetividade do material e sua relação com as categorias da Geografia e a articulação com os livros didáticos analisados pelos mesmos.

Dentre os materiais produzidos destacamos o “Jogo da memória paisagística”. O objetivo do material era relacionar imagens de paisagens atuais e antigas, considerando imagens de diferentes paisagens naturais ou artificiais, rurais ou urbanas. Nesse sentido, o



características próprias, essas nem sempre se constituem exclusivas. As regras básicas desse jogo também se basearam na ideia de um jogo da memória comum. Além disso, foi proposto também em cada imagem de uma região uma abordagem sobre as diferenças e desigualdades regionais.

O jogo de tabuleiro “Trilha Geográfica” buscou evidenciar o espaço geográfico enfatizando a discussão sobre o processo de globalização, como forma de expor aos alunos do Ensino Básico elementos desse processo. O jogo tinha como objetivo destacar algumas questões as quais se propunham diferentes alternativas de respostas. Conforme o número de acertos, o jogador avançava no tabuleiro até o final do mesmo. Com isso, o intuito era promover um debate sobre aspectos atuais do processo de globalização, como circulação, comunicação, redes, transportes etc...

A produção desses materiais foi realizada em grupos de 3 a 4 alunos e as apresentações coletivas foram extremamente positivas, visto que em conjunto se questionavam possíveis contradições nos jogos, o que contribuiu decisivamente para os seus respectivos aperfeiçoamentos (Foto 02).

Foto 2 – Coletânea de fotos - Produção e apresentação dos materiais didático-pedagógicos



Fonte: Arquivo pessoal, 2019

Em síntese, o resultado da articulação entre a análise teórica das categorias da Geografia, associada ao levantamento bibliográfico dos livros didáticos e a produção de material didático-pedagógico mostrou-se um resultado positivo no desenvolvimento de tal projeto, de modo que dentre as principais contribuições é possível destacar que os acadêmicos puderam aprimorar com maior profundidade os principais conceitos e categoriais da Geografia; desenvolver um novo olhar sobre o uso dos livros didáticos desprovidos de pré-conceitos sobre tal uso, além de serem instigados a compreender a importância do lúdico na produção do material didático-pedagógico, compreendendo-o como um instrumento essencial para a transposição do conhecimento obtido na Geografia Acadêmica para a Geografia Escolar.

### Considerações finais

Pensar a formação de professores nos cursos de Licenciatura requer um avanço para além do espaço da sala de aula, dos parâmetros estabelecidos que, como o próprio nome diz, são padrões para um trabalho pedagógico e não modelos a serem irrefletidamente seguidos.

A formação docente requer pensar, planejar, organizar constantemente o processo, a partir também da realidade dos estudantes, das suas experiências vividas, do seu construto cultural, social, político e filosófico, para então, direcionar ao externo, às leituras, aos estudos, à compreensão do todo a partir do entorno. No ensino da Geografia, isso remete partir de questões regionais, quanto ao espaço geográfico, às concepções de sujeito nele existentes, dentre outros.

Por isso, partimos do pressuposto de que os acadêmicos do curso de Licenciatura em Geografia devem ser autores e construtores de sua prática pedagógica, de suas tomadas de decisões a partir dos estudos, diálogos e fazeres, a partir da *práxis* proposta na universidade e fora dela, nas escolas, na comunidade, nas ações de ensino, pesquisa e extensão, da teoria à prática e de volta à teoria, para a compreensão e construção de uma nova prática educativa.

Tal perspectiva surge a partir da compreensão de que a formação dos acadêmicos, futuros educadores, não deve ser fragmentada como muitas vezes propõe o currículo, mas deve se construir a partir da relação e do diálogo dessa estrutura que deve ser assumida por eles de maneira integral e articulada, da compreensão de que é fundamental essa postura de diálogo e encontro entre os educadores e educandos.

Organizar e dirigir situações de aprendizagem, administrar a progressão das aprendizagens, conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação, envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho, trabalhar em equipe, participar da materialização de instrumentos didático-pedagógicos que mostrem outras possibilidades de ensino e aprendizagem é fundamental para o esvaziamento das compreensões de que aprender Geografia é uma ação decorativa.

É nessa perspectiva que o desenvolvimento desse Projeto de Ensino buscou evidenciar essas situações necessárias ao educador, para que esse possa refletir e assumir sua prática, bem como também promovê-la aos seus educandos em processo de formação docente, na compreensão dessa relação de que “quem ensina, aprende ao ensinar e quem aprende, ensina ao aprender” (FREIRE, 1997, p.25).

Por fim, esperamos que este artigo contribua para reflexões nesse sentido, indicando inclusive possibilidades de desenvolvimento, conforme destacamos anteriormente, da articulação entre a análise teórica das categorias da Geografia, associada ao levantamento bibliográfico dos livros didáticos e a produção de material didático-pedagógico. A formação docente demanda vários elementos, dentre os quais, a compreensão de que é fundamental realizar, ainda que não seja fácil, a transposição do conhecimento obtido na Geografia Acadêmica para a Geografia Escolar.

## Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Cláudio Simone Lemos; PINHEIRO, Antônio Carlos. A relação entre os saberes da Geografia Escolar e da Acadêmica: impactos na formação do professor. **Revista Para Onde!?** Rio Grande do Sul. v.10, n.2, 2018.
- ANTUNES, Celso. **Inteligências múltiplas e seus jogos**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- CASTELLAR, Sônia Maria Vanzella. A Cidade e a Cultura Urbana na Geografia Escolar. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, v. 1, p. 95-111, 2006.
- COPATTI, C. O ensino da Geografia na contemporaneidade e a prática docente para o despertar da criatividade. **Espaço & Geografia**, v. 20, n. 1, 2017, p. 45 - 67. Disponível em: <http://www.lsie.unb.br/espacoegeografia/index.php/espacoegeografia/article/view/383>. Acesso em: 03 janeiro 2020.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a pratica educativa**. 9 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- KLIMEK, Rafael Luís Cecato. Como aprender Geografia com a utilização de jogos e situações-problema. In: PASSINI, Elza Yasuko. **Práticas de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007, p. 117-123.

LIMA, Anna Erika Ferreira; SILVA, Danielle Rodrigues da; ARAÚJO, Enos Feitosa de. Metodologias ativas em geografia: experiências docentes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). **Geosaberes**, Fortaleza, v. 9, n. 18, p. 1 - 13, abr. 2018. Disponível em: <<http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/657>>. Acesso em: 28 março 2020.

MATO GROSSO DO SUL. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Resolução CEPE-UEMS N° 1.815, de 24 de outubro de 2016. **Aprova o Regulamento para a elaboração, execução e controle de Projetos de Ensino da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul**. Dourados/MS, 2016.

MELO, Fabiano Antônio de. Aulas tediosas, alunos alienados. In: PASSINI, Elza Y.; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra T. (Org.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. 1ed. São Paulo: Contexto, 2007, p. 94-100.

MELO, Adriany de Ávila; VLACH, Vânia Rúbia Farias; SAMPAIO, Antônio Carlos Freire. História da Geografia Escolar Brasileira: continuando a discussão. In: VASCONCELLOS, Luiz Gonzaga Falcão; SAMPAIO, Adriany de Ávila Melo (Orgs.). **Geografia e Anos Iniciais do Ensino Fundamental**. 1ed. Curitiba: CRV, 2012, p. 31-48.

OLIVEIRA, Marlene Gonçalves; PONTES, Letícia. Metodologia ativa no processo de aprendizado do conceito de cuidar: um relato de experiência. In: **X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE**, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2011. Disponível em: < [https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5889\\_3479.pdf](https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5889_3479.pdf)> Acesso em: 14 fevereiro 2020

PINHEIRO, Igor de Araújo; SANTOS, Valéria de Sousa; RIBEIRO FILHO, Francisco Gomes. Brincar de geografia: o lúdico no processo de ensino e aprendizagem. **Revista Equador** (UFPI), v. 2, n. 2, p. 25 - 41 (Jul/Dez), 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/equador/article/viewFile/1451/1159>. Acesso em: 22 janeiro 2020

VESENTINI, José William. **Repensando a Geografia Escolar para o Século XXI**. São Paulo: Plêiade, 2009.

VIEIRA, Carlos Eduardo; SÁ, Medson Gomes. Recursos didáticos: do quadro-negro ao projetor, o que muda? In: PASSINI, Elza Yasuko (Org). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2007, p 101-116.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Recebido em 28 de abril de 2020.

Aceito para publicação em 30 de outubro de 2020.